

## A LITOTOPONÍMIA NO VALE DO JEQUITINHONHA

Carolina ANTUNES (UFVJM)<sup>1</sup>

ITAMARANDIBA pedra corrida, pedra miúda rolando sem vida  
No caminho dessa cidade, passarás por TURMALINA  
Sonharás com PEDRA AZUL, viverás em DIAMANTINA  
(Milton Nascimento)

**RESUMO:** O trabalho a ser apresentado coloca em relevância a idéia de que o saber lexical, constituído através de processos históricos nos quais atuam seres sociais, é, em suas diversas formas e circunstâncias, produzido por sujeitos e para sujeitos. Por isso, estudando um aspecto da toponímia, mais precisamente, a litotoponímia no Vale do Jequitinhonha, pretende-se apontar a relevância do litotopônimo na formação vocabular da região supracitada. Além disso, ou simultaneamente a isso, quer-se enfatizar que o litotopônimo, como qualquer palavra, carrega valores pessoais e sociais, traduzindo a visão de mundo do ser humano enquanto ser social.

**RESUMÉ:** Le travail a être présente mets en relief l'idée du savoir lexical qui, dans ses différentes formes et circonstances, est produit par des sujets et pour des sujets. Ce savoir est constitué à travers des procès historiques dans lesquels agissent des êtres sociaux. Pour cela, en étudiant un aspect de la toponymie de la Vallée du Jequitinhonha, plus précisément celui de la lithotoponymie, on prétend indiquer la portée de ce aspect dans la formation du vocabulaire du nord-est de Minas Gerais. On veut aussi remarquer que le lithotoponymie, comme n'importe quel mot, a des valeurs personnelles et sociales.

O trabalho que ora se apresenta não tem o significado de um caminho novo; ele nada mais é que um novo modo de caminhar. Nesse sentido, eu diria até que qualquer conhecimento é construído não só mediante novos percursos, mas também mediante novas maneiras de por eles transitar. Assim pensando, venho tentando capturar o Vale do Jequitinhonha, ora estudando suas dimensões lingüísticas, ora suas dimensões culturais, ora as duas dimensões, simultaneamente.

Referenciando-se no léxico e tendo em vista suas especificidades, pretende-se colocar em relevância a idéia de que o saber lexical é, em suas diversas formas e em circunstâncias também diversas, produzido por sujeitos e para sujeitos. Esse saber constitui-se, portanto, através de processos históricos em que atuam seres sociais, o que pode ser confirmado por Duranti (2000, p.21).

... los antropólogos lingüísticos ven a los sujetos de su estudio, esto es, a los hablantes, en primer lugar y sobre todo, como actores sociales, es decir, como miembros de comunidades, singulares y atractivamente complejas, cada una de las cuales está articulada como un conjunto de instituciones sociales, y a través de una red de expectativas, creencias y valores morales no necesariamente superpuestos, pero si entrecruzados.

Assim, com base na linha de pesquisa desenvolvida no projeto Atlas Toponímico do Brasil – ATB, em sua decorrência temática, o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – ATEMIG, estuda-se um aspecto da toponímia, mais precisamente, a litotoponímia no Vale do Jequitinhonha e aponta-se sua importância na formação vocabular da região supracitada.

Nesse sentido, convém ressaltar, ele é o engatinhar de uma tentativa: a de captar, na imagem despertada pelo item lexical *pedra*, marcas da presença que inscreve o homem no mundo e que, na natureza, manifesta sua busca nunca acabada de conhecimento. Nessa imagem – simbologia da fé dos cristãos católicos que remete ao latim *petrus*, que deu origem ao nome próprio Pedro – vislumbra-se o caminho mágico de Milton Nascimento no trecho da canção “Itamarandiba”, citado em epígrafe.

E por que não dizer “meu caminho”? Que não é mágico, mas não deixa de ser poético, já que a investigação toponímica e/ou da litotoponímia no Vale do Jequitinhonha – que estou começando a empreender agora – é a tentativa de preencher uma lacuna há muito sentida nos meus estudos sobre essa região. Assim sendo, ratifica-se: este trabalho é algo bastante introdutório de uma temática ampla e moderna

---

<sup>1</sup> antunes\_carolina@yahoo.com.br

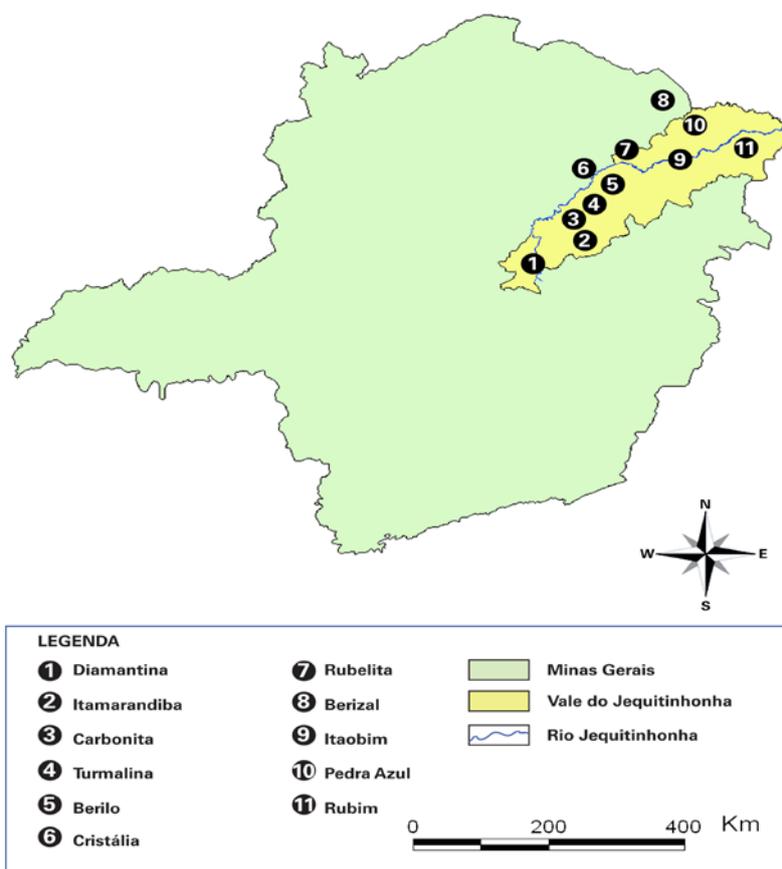
acerca da dinâmica que (re)cria a toponímia e que está voltada, pois, à minha necessidade de pesquisadora interessada em compreender, em geral, como funciona o léxico e a própria constituição de um léxico brasileiro.

Entendendo que a linguagem e a investigação onomástica conduzem ao conhecimento do homem e da sociedade em que ele vive, começa-se por enfatizar a interação entre o homem e a natureza e as relações propiciadas por essa interação. Retomem-se, então, os nomes próprios das cidades mencionadas na composição de Milton Nascimento.

Antes, porém, convém esclarecer que “O Vale do Jequitinhonha, no nordeste do Estado de Minas Gerais, é uma região de recortes variados, cujas fronteiras situam-se nos diversos limites estabelecidos por agências governamentais ou não. Não havendo uma delimitação precisa do seu território, o Vale é aquilo que recortam os agentes que lá atuam.”<sup>2</sup>

Dessa forma, considerando que a região em pauta é, em geral, dividida em três partes ou microrregiões – Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha (sem levar em conta a parte da bacia baiana de mesmo nome) – e, ainda, que ela equivale à área de atuação da Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha – CODEVALE, optou-se por tomar por base a relação de municípios que compõem o Vale do Jequitinhonha *Oficial* definido por tal Comissão, incluindo aqueles criados em 1992 e 1995.

Aos nomes próprios de cidades da música do poeta e compositor mineiro antes citado somam-se outros, formando, portanto, metonimicamente, o conjunto de litotopônimos que denominam 11 municípios dessa região, como se pode ver na figura a seguir.



Diz-se, metonimicamente, já que, retomando-se a parte, ou seja, cada um dos litotopônimos, quer-se conhecer o todo. Tem-se, então, a relação formada por Berilo, Berizal, Carbonita, Cristália, Diamantina, Itamarandiba, Itaobim, Pedra Azul, Rubelita, Rubim e Turmalina, que constituem um campo lexical e, paralelamente, um campo semântico se se tiver em vista as relações de sentido existente entre lexemas articulados sintagmaticamente e que nomeiam um conjunto de experiências de algum modo análogos. Nesse

<sup>2</sup> SOUZA. “Oferta e demandas educacionais na mesorregião dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri”, p.18. (Inédito)

caso, portanto, os nomes dos municípios citados organizam parte da nossa experiência em relação à natureza, onde todos eles têm em comum os traços:

- [+ extensão de um significado original];
- [+ nome próprio];
- [+ situação geográfica];
- [+ nome de município].

O primeiro e o segundo traços, [+ extensão de um significado original], [+nome próprio], já assinalam, lingüisticamente, o papel do ser humano como agente transformador da superfície terrestre, representada, no estudo em questão, por nomes comuns primitivos de pedras preciosas e/ou semipreciosas nela existentes, a exemplo de berilo, cristal, diamante, rubi e turmalina, a partir dos quais foi derivada uma nova categoria gramatical: a dos nomes próprios Berilo, Berizal, Cristália, Diamantina, Rubelita, Rubim e Turmalina.

Segundo Cunha (1982), berilo origina-se “Do lat. *bēryllus* -ī, deriv. do gr. *bēryllos*...” (p. 106); cristal, “Do lat. *crystallum* -i, deriv. do gr. *Kry’stallos* ‘gelo, frio, glacial’...” (p. 228); diamante, “Do lat. *tardio diamans -antis* ‘inflexível, indomável’...”(p.262); rubi, “Do cat. *robí* (ou do a. fr. *rubi*), deriv. do lat. med. *rubinus* (class. *rubēus* ‘avermelhado’ <*rūber* ‘vermelho’)...” (p. 692); e turmalina, “Do fr. *tourmaline*, deriv. do cingalês *toramalli*...” (p.798).

Os nomes comuns – berilo, rubi e turmalina – sofreram, na sincronia da primeira metade do século XX, o processo de derivação denominado pelos gramáticos tradicionais de derivação por mudança de classe, transformando-se nos nomes próprios Berilo, Rubim e Turmalina. Berizal, Cristália e Diamantina, derivados por sufixação, tiveram suas bases acrescidas dos sufixos *-al*, *-ia* e *-ina*, bastante produtivos na Língua Portuguesa, assumindo, pois, valores específicos decorrentes dessa agregação.

O nome comum *pedra*, “Do lat. *petra -ae*, deriv. do gr. *pétras* ‘matéria mineral, dura e sólida’” (p.590), articulando-se ao adjetivo *azul*, se manifesta, também, no sintagma composto por justaposição Pedra Azul, originando uma relação essencial de significado.

A idéia veiculada pelo significante *p/e/d/r/a*, vinculada à natureza e à essência das rochas se presentifica, ainda, através do tupi-guarani *ita* em Carbonita, Itamarandiba, Itaobim e Rubelita. Em Carbonita, esse elemento é precedido por *carbon*, do francês *charbon*, depois, no português carvão, estruturando o litotopônimo, que pode ser entendido, como “carvão de pedra”. Também em Rubelita, *ita* é precedido por rubi, nome de uma variedade de turmalina de cor vermelha, viabilizando, assim, atribuir-se a esse litotopônimo o significado de “pedra vermelha”. Em Itamarandiba, *ita* é seguido de *marã*, que significa desordenada, e *tyba*, sufixo que indica abundância, daí poder-se traduzir esse litotopônimo como “lugar de muitas pedras desordenadas”. Em Itaobim, o elemento tupi-guarani é seguido do tupi *oby*, que quer dizer verde ou azul. Dessa articulação resulta o significado “pedra azul ou verde” para esse litotopônimo. Além do conhecimento irradiado por essas denominações, essa breve descrição demonstra, *grosso modo*, na relação sintagmática, a liberdade de combinação de lexemas que formam esses nomes próprios e confirma o caráter “articulado” da palavra, o que significa, de acordo com Humboldt,

referi-la ao sistema de elementos subjacentes a partir dos quais ela é construída; elementos que poderiam ser usados para formar infinitas outras palavras, de acordo com intuições e regras definidas. É neste sentido que uma palavra é um “objeto articulado”, apreendida na percepção pelo exercício da “capacidade humana, forjadora da linguagem...”<sup>3</sup>

Tal referência parece estar relacionada ao que esse estudioso da linguagem denomina *energeia*, que diz respeito à dinâmica da língua, construída “a partir da observação da forma pela qual o grupo pensa o mundo, cultural e lingüisticamente...” Aliás, o terceiro traço [+ situação geográfica], que também denuncia a transformação pela linguagem, remete ao tempo passado, que forma com o presente uma via de mão dupla, traduzida pelo meio local, por contatos com o colonizador e com o pós-colonizador, ratificando Dick (2006, p.103), segundo a qual,

No primeiro contato, representado pelas expedições de reconhecimento, a partir de 1501, a toponímia resultante era de origem portuguesa, segundo as normas da Coroa e segundo a visão de mundo de que era tributária. Os acidentes locais, em sua maioria, eram nomeados em tributos aos *santos* e *santas* do dia da chegada ou da descoberta de algum elemento da paisagem.

<sup>3</sup> HUMBOLDT. *Apud* Faulstich (1980, p.24).

Observe-se que dos 11 litotopônimos em questão, apenas Berizal não foi rebatizado. Excetuando Diamantina, cujo novo batismo se deu em 1831, todos os outros receberam as novas denominações no século XX: seis em 1923 – Berilo, Cristália, Itamarandiba, Itaobim, Rubim e Turmalina – e três em 1943 – Carbonita, Pedra Azul e Rubelita. Observe-se, ainda, que sete dos litotopônimos listados tiveram, antes das novas denominações, nomes diretamente relacionados à crença cristã católica, herdada dos colonizadores europeus, conforme se pode constatar no seguinte quadro:

Denominação atual	Data de adoção do nome	Denominação anterior
Berilo	07/09/1923	Água Suja; Água Limpa
Berizal	a.1954	
Carbonita	31/12/1943	Barreiras; Santíssimo Coração de Jesus das Barreiras
Cristália	07/09/1923	Nossa Senhora da Conceição de Extrema
Diamantina	13/10/1831	Tijuco
Itamarandiba	07/09/1923	São João Batista
Itaobim	07/09/1923	São Roque
Pedra Azul	31/10/1943	Catinga; Fortaleza
Rubelita	31/12/1943	Bom Jesus de Salinas
Rubim	07/07/1923	União
Turmalina	07/09/1923	Nossa Senhora da Piedade; Piedade

Esse quadro sinaliza não só a idéia de que o litotopônimo, como qualquer palavra, carrega valores pessoais e sociais, traduzindo não só a visão de mundo do ser humano enquanto ser social, como também dois movimentos vivenciados de linguagem: um se deu no século XVII; o outro, no século XX, através dos quais é possível captar uma política de representação, a constituição da autoridade, a legitimação do poder.

Nesse sentido, não se pode esquecer que o Rio Jequitinhonha, responsável por aglomerações em seu entorno, trazia a riqueza ambicionada pelos colonizadores, e sua busca, associada a outros fatores, entre eles a navegação possível em longo trecho do rio, encarregou-se de reconfigurar a língua, a cultura, a paisagem. Assim sendo, a exploração dessa riqueza remete aos bandeirantes e à sua contribuição, às vezes lembrada de forma lendária, na formação dos povoados.

Água Suja, denominação que deriva de sua localização à beira do Ribeirão de Águas Sujas, primitivo povoado que deu origem a Berilo, formou-se com a ida de bandeirantes para a região, por volta de 1727, à procura de ouro. Assim também Itamarandiba, cuja origem é contemplada com várias versões, tem sua história ligada a desbravadores que atravessaram a região em busca do precioso minério, sendo que sua fundação remonta à passagem de Fernão Dias Pais Leme nessas paragens, no século XVII.

Esse bandeirante paulista tem ainda seu nome associado à lenda das “pedras verdoengas”, as esmeraldas que ele tanto teria procurado no nordeste de Minas, na região onde está situado o município de Cristália, que tem sua origem relacionada à extração de águas marinhas, turmalinas, berilos, ametistas e cristais. Já Diamantina, o antigo arraial do Tijuco, tem sua história imbricada à extração de ouro e diamantes por bandeirantes paulistas, mamelucos e portugueses no final do século XVII.

A antiga Barreiras, originada da doação de terras pelo fazendeiro Manuel Barreiras, hoje Carbonita, deve a alteração de seu nome à existência do carvão de pedra encontrado na localidade. Pedra Azul, colonizada por vaqueiros nordestinos que lá chegaram em busca de pastagem para seu gado e possuidora de um subsolo rico em pedras preciosas, teve o seu novo nome atribuído, em 1943, por aquelas que mais se distinguem: as águas marinhas.

Dos onze municípios que constituem o campo lexical de litotopônimos em estudo, apenas três – Itaobim, Rubim e Turmalina – não têm seus nomes justificados na/pela procura e/ou encontro de ouro e pedras preciosas no espaço geográfico em que se situam. Itaobim, antigo distrito de Araçuaí, destaca-se por sua privilegiada localização geográfica junto ao Rio Jequitinhonha, na estrada Rio-Bahia. O litotopônimo Rubim substituiu o nome primitivo – União –, que adveio da harmonia existente entre os moradores do povoado, em cuja história está registrada a derrubada de matas para a formação de lavoura. Turmalina

substituiu Piedade, que substituiu Nossa Senhora da Piedade, primeiro nome do arraial, dado em homenagem à Virgem da Piedade, cuja imagem teria sido levada ao local por três tropeiros que lá se fixaram com outros desbravadores, intentando dedicar-se à criação de gado e à agricultura.

Entende-se, pois, que o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável em que, de um lado, se encontram os objetos naturais e geográficos; de outro, os sociais, os quais se relacionam, possibilitando que a terra seja melhor decifrada. Assim, neste trabalho, tendo em vista o entendimento da constituição de um léxico brasileiro, há de se notar que esta breve investigação da litotoponímia no Vale do Jequitinhonha confirma, ainda que sucintamente, que a produção de idéias lingüísticas associa-se, diretamente, à sociedade e à história, de tal forma que não se pode pensar o saber lingüístico independentemente das formações sociais e das instituições que com esse saber se relacionam.

### **Referências Bibliográficas**

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

DURANTI, Alessandro. *Antropología Lingüística*. Traducción de Pedro Tena. Madrid: YELTES, Soluciones Gráficas, S. L., 2000.

FAULSTICH, Enilde L. De J. *Lexicologia – a linguagem do noticiário policial*. Brasília: Horizonte, 1980.

LAFACE, Antonieta. O campo léxico de *modernidade* – Historicidade e valores culturais, circunstancialidades e situacionalidades. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. V. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP / Pontes, 2002.

SOUZA, João Valdir de. “Oferta e demandas educacionais na mesorregião dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri”. (Inédito).